

“NÃO VAMOS POLUIR O MEIO AMBIENTE”  
 (De Nildo Máximo Benedetti, diretor-superintendente da Votorantim)

Idário Monte Alto/AE-17/10/95



A área de Mata Atlântica, no Sul do Estado, tem biodiversidade maior que a encontrada na Floresta Amazônica

# Fábrica de cimento na Mata Atlântica

PLANOS DA VOTORANTIM DE CONSTRUIR UNIDADE DE PRODUÇÃO NA REGIÃO DO PARQUE ESTADUAL INTERVALLES INCOMODA AMBIENTALISTAS

Julia Shimao/AE-25/2/95

Alexandre Teixeira

O projeto de construção de uma fábrica de cimento na área de Mata Atlântica mais importante do País ameaça recolocar ambientalistas e o Grupo Votorantim em trincheiras opostas. O motivo da discórdia é o provável impacto ambiental da instalação de uma unidade de produção, orçada em R\$ 250 milhões e com capacidade para fabricar 7 mil toneladas diárias de cimento, no município de Ribeirão Grande, em uma área adjacente ao Parque Estadual Intervalles, considerado patrimônio natural brasileiro.

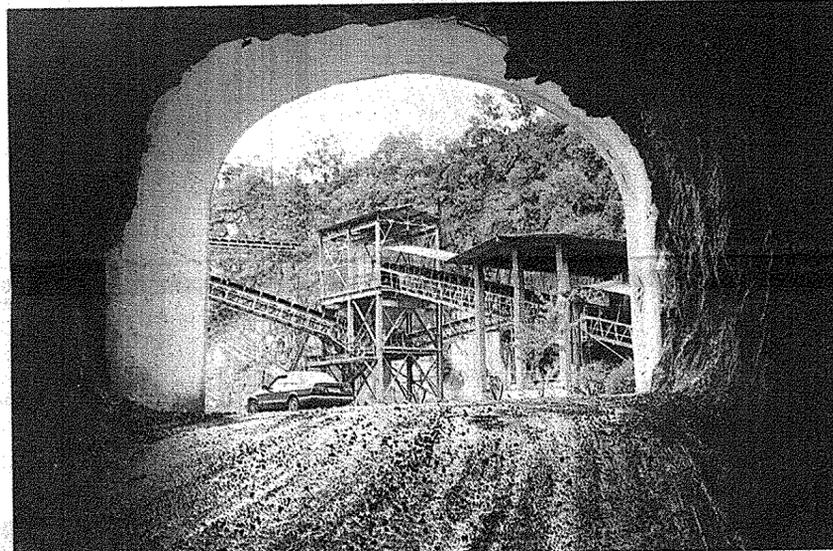
Principal pólo de ecoturismo do Estado de São Paulo, o Intervalles é um dos quatro parques que formam um corredor contínuo de Mata Atlântica, com 145 mil hectares de biodiversidade, maior do que a da Floresta Amazônica. Como sugere seu nome, o parque fica entre os vales do Ribeira e do Alto Paranapanema, no Sul do Estado. O interesse da indústria cimenteira na região, rica em jazidas de calcário — insumo básico para a fabricação de cimento —, é antigo e já há fábricas, como a do Grupo João Santos, instaladas na região.

As primeiras consultas formais da Votorantim à Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo sobre a viabilidade de explo-

rar as minas daquela área foram feitas há pouco mais de um ano. O projeto inicial do maior fabricante de cimento do País envolvia mineração dentro dos limites de Intervalles, o que foi vetado já na avaliação prévia, por ferir a legislação estadual. A autorização para extrair calcário e fabricar cimento na área vizinha ao parque ficou na dependência de estudos de impacto ambiental mais detalhados.

No dia 22 de agosto deste ano, a Votorantim apresentou à Secretaria do Meio Ambiente o plano de trabalho que, se aprovado, será a base para a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e do Relatório de Impacto no Meio Ambiente (Rima) que foram solicitados. O plano, no momento, está sendo avaliado pelo Departamento de Análise de Impacto Ambiental (Daia) da Secretaria.

O prazo para conclusão da análise do projeto dependerá dos estudos que forem pedidos pelo Daia. Pesquisas mais complexas, como a dos recursos hídricos ou da fauna na região, se requisitadas, podem levar até um ano para ser concluídas. Por isso, técnicos da secretaria dizem que dificilmente será possível iniciar a construção da fábrica no começo de 1997, como quer a Votorantim.



Uma das minas do Grupo: a maior mina subterrânea de calcário do mundo, em Votorantim

## VOTORANTIM: EQUIPAMENTOS MODERNOS

Para proteger o ambiente

O diretor-superintendente da Votorantim, Nildo Máximo Benedetti, afirmou ao *Jornal da Tarde* que o projeto de mineração e produção de cimento em Ribeirão Grande, por ser vizinho da Mata Atlântica, foi elaborado com normas de proteção ambiental mais rigorosas do que as exigidas para obtenção do ISO 14.000 (certificado de qualidade ambiental). Os equipamentos de contenção de pó de calcário, segundo ele, serão os mais modernos do mundo. O know how será importado da Suíça e da Alemanha. “Não vamos poluir o meio ambiente”, afirmou.

No que diz respeito à poluição visual, Benedetti considera infundadas as preocupações dos ambientalistas. “Vamos tomar todo o cuidado para introduzir a fábrica de maneira harmônica no meio ambiente”, afirma. Sobre a detonação de explosivos em minas de calcário, Benedetti diz que a tecnologia a ser usada restringirá cada explosão ao mínimo necessário para a mineração, de modo a não abalar as cavernas da região. Os explosivos serão detonados sequencialmente, em pequenas cargas, para diminuir os efeitos das ondas de vibração no subsolo.

A Votorantim também se compromete a realizar um trabalho de compensação ambiental. A área total a ser ocupada pelo projeto mede 123 hectares e fica a mais de 4 quilômetros dos limites do Parque Estadual Intervalles. Destes 123 hectares, 103 já haviam sido desmatados antes da compra do terreno pela Votorantim. Os 20 hectares restantes serão desmatados e, como compensação, a empresa se compromete a reflorestar outros 657 hectares da região, sob orientação da Secretaria do Meio Ambiente.

“É possível compatibilizar aspectos econômicos com a questão ambiental”, diz Benedetti. O diretor de operações da Fundação Florestal, Cláudio Maretti, concorda com a tese, mas não está convencido de que ela se aplica a este empreendimento. “Com as informações que tenho hoje, não acho possível explorar as jazidas sem prejudicar o parque”, afirma. “Mas, com as informações que surgiram nos estudos encomendados à Votorantim, talvez eu mude de ideia.”

(A.T.)

## IMPACTO AMBIENTAL

Ecosistema de cavernas seria ameaçado, dizem especialistas da USP

José Maria Tomazela/AE-20/6/95

A equipe técnica do Parque Estadual Intervalles elaborou para a Fundação Florestal — administradora dos parques estaduais de importância ambiental —, em dezembro do ano passado, um relatório preliminar sobre o projeto da Votorantim em Ribeirão Grande. A conclusão mais contundente é a de que a instalação da fábrica de cimento inviabilizaria o projeto de desenvolvimento sustentado daquela região, baseado no chamado ecoturismo.

Segundo os especialistas do Instituto de Biociências da USP consultados para a produção do relatório, o ecossistema das cavernas da região estará ameaçado se a fábrica de cimento for construída. Boa parte das jazidas de calcário que a Votorantim pretende explorar fica nos limites da Província Espeleológica do Vale do Ribeira, que abriga mais de 50 cavernas conhecidas e, seguramente, um grande número de cavidades ainda inexploradas. “Cavernas que ainda não foram descobertas podem ser perdidas para sempre”, alerta o diretor de operações da Fundação Florestal, Cláudio Maretti.

“Do ponto de vista espeleológico, a utilização de tal área acarretará diversos problemas ambientais, provavelmente irreversíveis”, confirma o relatório dos professores Pedro Gnaspini Netto e Eleonora Trajano. Eles observam que aquelas cavernas são o habitat único de grande variedade de formas primitivas de vida ainda não descritas pelos biólogos.



Parque Intervalles: patrimônio natural

gos.

São seres frágeis, com baixíssima resistência a alterações no seu ambiente, que correm o risco de ser extintos antes mesmo de estudados, devido à “modificação ambiental causada tanto pelo desmatamento como pela inevitável poluição das águas”. Além disso, algumas das grutas vizinhas ao parque fazem parte do roteiro turístico de Intervalles e, portanto, têm importância para a economia da região.

O relatório também chama a atenção para o impacto ambiental “bastante significativo” da fase de construção da fábrica de cimento. Para colocar a unidade de produção em funcionamento, serão necessários 1.500 homens, o que significa um exército de funcionários três vezes maior do que a população da vila de Boa Vista, vizinha à área destinada ao empreendimento. “Esta população flutuante, provavelmente não comprometida com os valores

locais, pode trazer problemas de caça, coleta de vegetais e outros tantos”, adverte o relatório.

A equipe técnica de Intervalles registrou, ainda, que o potencial mineral da área de abrangência do parque é muito elevado e, portanto, uma concessão de lavra poderia significar a abertura de inúmeras outras.

“A região mais pobre e atrasada do Estado tem de ter seu modelo de desenvolvimento repensado”, diz o diretor-executivo da Fundação Florestal, Marcos Egydio. Ele lembra que o modelo de agricultura e pecuária de subsistência que caracterizou o primeiro ciclo de desenvolvimento do Sul do Estado se exauriu no final da primeira metade do século. Depois, a economia da região passou a ser centrada na produção de banana e chá para exportação. Com a queda dos preços do chá no mercado internacional, a população vem empobrecendo.

Para Egydio, a vocação econômica da área em questão está centrada no turismo e na extração sustentável de plantas medicinais, ornamentais e palmito — atividades que pressupõem o emprego de mão-de-obra local. Segundo ele, a mineração e a produção de cimento são incompatíveis com este modelo de desenvolvimento.

(A.T.)

## PROJETO ESTRATÉGICO

Maior consumo de cimento

O projeto de construir uma grande fábrica de cimento na região de Intervalles é estratégico para a Votorantim. Com a estabilização da economia, a construção de casa própria voltou aos planos das classes média e baixa, o mercado de materiais de construção voltado para o pequeno consumidor se aqueceu e o consumo de cimento no Brasil passou a crescer a um ritmo superior a 10% ao ano.

Em 1995, o consumo de cimento per capita no Brasil foi de 161 kg/ano, ainda muito abaixo do registrado em países desenvolvidos, como o Japão (666 kg/ano) e a Alemanha (455 kg/ano), e mesmo em outros países em desenvolvimento, como a Turquia (443 kg/ano) e o México (286 kg/ano). O potencial de crescimento, portanto, é grande. Vale lembrar que, em 1980, no final do ciclo das grandes obras públicas, o consumo per capita brasileiro chegava a 226 kg/ano.

Em São Paulo, Estado responsável pela maior fatia do mercado consumidor brasileiro de cimento, a produção é claramente insuficiente. Só de Minas Gerais, o Estado “importa” 26% do que consome. Somando o que compra do Mato Grosso, do Paraná e do Rio de Janeiro, o volume de “importações” de cimento chegava, em maio (dado mais recente), a 37,2% do consumo

estadual. Em 1994, eram 32,2%.

Do ponto de vista da logística, a fábrica de cimento mais importante da Votorantim é a de Sorocaba, que fica a 120 quilômetros de São Paulo e a 100 quilômetros de Campinas, dois dos maiores centros consumidores do País. Ocorre que as reservas de calcário que alimentam essa unidade estão escasseando. Duram mais 35 anos com a fábrica produzindo no ritmo de hoje. Se a Votorantim aumentar a capacidade de produção da unidade, para atender à demanda adicional, reduzirá a vida útil da jazida.

Nessas circunstâncias, a reserva de calcário de Ribeirão Grande, próxima a Intervalles, surge como uma alternativa importante — até porque não há outras fontes de calcário apropriado para cimento no Estado de São Paulo. De acordo com os Estudos da Votorantim, as jazidas em questão têm 90 milhões de toneladas de calcário, suficientes para a produção de 2,3 milhões de toneladas de cimento por ano, durante aproximadamente 30 anos.

A Votorantim tem pressa para iniciar o projeto. Em 1997, a fábrica de Sorocaba estará usando toda a sua capacidade instalada. “Seria bom iniciar a utilização da nova fábrica antes de atingirmos esse gargalo”, diz Benedetti.

(A.T.)